



O  
F  
i  
C  
i  
N  
A  
D  
E  
P  
O  
E  
S  
I  
A

#3

**OFICINA DE POESIA**

**# 3**

**Mai de 2000**

**Ficha Técnica:**

**Titulo:** Oficina de Poesia, # 3

**Coordenação:** Graça Capinha

**Organizou este número:** aNa B

**Edição:** Conselho Directivo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**Apoios:** Centro de Estudos Sociais

**Composição:** aNa B

**Capa e Contracapa:** daniel matos

**Imagens:** I – Fotografia de Ezra Pound

II – Colagem de Emiliana Cruz

**Impressão:** Secção de Textos da Faculdade de Letras

**Tiragem:** 150 exemplares

A acabar este século, só poderíamos inspirar-nos numa das figuras mais marcantes da sua poesia, Ezra Pound.

Desafiamo-lo na sua autoridade, porém: fragmentando os fragmentos que nos deixou e distanciando-nos do modelo autoritário que criou para a sua voz e para uma sociedade. Roubamo-lo, desconstruímo-lo, recriamo-lo. Em vozes que nos falam, a nós, neste século marcado por holocaustos e utopias. Demarcamo-nos. Recriamo-nos. Nas palavras marcadas por essa História.

E também como ele, como poetas, desafiamos essa ruptura que nos deixa de fora do pensamento e do conhecimento. O poeta é um profissional, um técnico, um artesão a moldar a matéria da linguagem. Um cientista que observa e experimenta.

Aqui, alguns exercícios de Poética e Criação.

Graça Capinha



Ele foi para a poesia deste século o que Einstein foi para a física.

E.E. Cummings

## **Oficina de Poesia I**

**Exercício: Derivações do Canto XII de Ezra Pound**

Ezra Pound

Canto XII

E sentamos aqui  
sob a muralha,  
Arena romana, de Diocleciano, les gradins  
quarente trois rangées en calcaire.

Baldy Bacon  
comprou todos os vinténs de cobre em Cuba:  
Un centavo, dos centavos,  
disse aos peões “tragam todos”.  
“Todos para a cabana do patrão”, disse Baldy,  
E os peões trouxeram;  
“para a cabana do patrão eles trouxeram”,  
Como diria Henry.  
Nicholas Castaño, em Havana,  
Tinha também alguns centavos, mas os outros  
Deviam pagar porcentagem.  
Porcentagem quando queriam centavos,  
Centavos públicos.  
Interesse de Baldy:  
Negociar com moeda.  
“Nenhum outro negócio me interessa”  
Dizia Baldy.  
Dormindo acorrentado a dois negrões retintos,  
Guardia regia acorrentada a sua cintura,  
Para impedi-los de escapar durante a noite;  
Já estava impopular entre os cubanos;  
A febre o reduziu a 49 quilos.  
Voltou para Manhattan, para Manhattan finalmente.  
Rua 47, 24 Leste, quando encontrei com ele.  
Metido em negócio de impressão, *i.é.*, agente,  
à cata de velhas amizades,  
Escritório na Rua Nassau, distribuindo empregos aos tipógrafos,  
Comércio de papelaria,  
e mais tarde seguros,  
Riscos de empregadores,  
seguros de todo o tipo,  
Incêndios em bordéis etc, comissões,  
Fazendo 15 ou mais dólares por semana,  
*Pollon d'anthropon iden,*  
Marcou as empresas de navegação mais relaxadas,  
Onde um homem corria maior risco  
De perder uma perna em guindastes emperrados;

Fogo também, como no caso do puteiro,  
Em que chegou, Hermes miraculoso, por acaso,  
Dois minutos depois de os *ángeles* do proprietário  
Tinham saído a sua procura.  
Juntou para sua gente 11,000 em quatro meses  
naquele negócio em Cuba,  
Mas eles foram pro buraco,  
Também cavou 40,000 pacotes,  
Certa vez, mas queria “engolir Wall Street inteira”,  
E ficou limpo em três semanas,  
Habitat cum Quade, grande praça,  
Mons Quad, que usava um monóculo na ponta de uma larga fita negra  
(Referido em outra parte).

*Dos Santos*, José Maria dos Santos,  
Ouvindo que um navio de cereais  
Naufragava no estuário do Tejo,  
Arrematou-o em leilão, nemo obstabat,  
(Foi o único lance). “Camarada louco!” “Milho  
Estragado pela água salgada,  
não vale nada, de que lhe servirá?”. Dos Santos.  
Tudo podre com a água do mar.  
Dos Santos português lunático arrematou-o,  
Hipotecou então todo o seu património  
e tot lo sieu aver,  
E comprou leitõezinhos, porcos, porquinhos,  
Porcos marrãos, por todo Portugal,  
alimentados com a carga,  
A primeira vara empenhada para comprar a Segunda, undsoweiter.  
Porcos de Portugal,  
cevados fartamente na estação de engorda,  
E Dos Santos engordou, um grão-senhor de Portugal  
Ora reunido aos ancestrais.  
E tudo com cereal encharcado de água  
(Água provavelmente fresca no estuário)  
Vá pro inferno Apovitch, o mundo não acaba em Chicago.

*John Quinn*

numa reunião de banqueiros,  
cheio com todas as histórias de infortúnio,  
cheio com a sua florescente fatuidade  
e as finas listas brancas  
Tecidas no rebordo interior de suas vestes  
De modo a parecer que usavam coletes,  
Contou-lhes a História do Honesto Marinheiro.  
Cheio com o decoro todo  
ao sentarem-se, os presbiterianos graduados,  
Directores, especuladores de companhias de arrendamento,

Diáconos de Igrejas, donos de cortiços,  
*Alias* usuários in excelsis  
quintessencial essência de usurários,  
Os provedores de empregos, choramingando os seus 20%  
e os tempos bicudos  
E a queda dos valores brasileiros  
(valores S.A. )  
E a incerteza geral de todo o investimento  
Salvo investimentos em prédios para novos bancos  
produtivos de prédios bancários  
E que não facilitam a distribuição,  
Cheio com os seus modos de torcer a boca  
nos tocos de Charutos,  
Disse John Quinn:

Era uma vez um pobre e honesto marinheiro, um bebedão de marca,  
Um cabra safado, um salafrário, verdadeira esponja, e  
A bebida acabou por maná-lo ao hospital,  
E foi operado, e lá havia uma pobre puta que  
Teve um filho na enfermaria de mulheres, enquanto  
Tratavam do marujo, e lhe trouxeram o garoto  
Quando voltou a si, e lhe disserem:  
“Olhe o que tirámos de dentro de você!”  
E ele olhou pr’aquele troço, e sentiu-se melhor.  
E quando deixou o hospital, largou de beber,  
E quando viu que já estava em boa forma  
engajou-se em outro navio  
E economizou o pagamento  
e continuou a economizar o pagamento,  
E comprou uma parte do navio  
e por fim tornou-se dono da metade  
Depois de um navio  
e com o tempo de uma linha inteira de vapores;  
E educou o garoto  
e quando o garoto estava no colégio,  
O velho marinheiro sentiu-se mal de novo  
e os doutores disseram que ele estava nas últimas,  
E o garoto veio para a beira da cama,  
e o velho marinheiro disse:  
“Filho, sinto muito não poder aguentar um pouco mais,  
Você é moço ainda.  
Eu lhe deixo res-pon-sa-bi-li-da-des.  
Pena que eu não possa esperar até que você cresça  
E se sinta mais capaz de levar nosso negócio adiante...”  
- Mas, pai, não,  
Não se preocupe comigo, eu estou bem.  
Trata-se de você, pai.

“Aí está, meu filho, você acaba de dizer.  
Você me chamou de seu pai, e eu não sou.  
Não sou seu pai, não.  
Eu não sou seu pai, mas sua mãe”, disse ele,  
“Seu pai era um rico negociante de Istambul.”

de: Augusto de Campos et al. (org.s). *Ezra Pound. Poesia*. Brasília: HUCITEC,  
Universidade de Brasília, 1983.

Tradução conjunta de Augusto e Haroldo de Campos e Décio Pignatari.

Anastácio Caraça

História de Puteiro  
que incendeia bordéis  
durante a noite  
para pôr fim ao tempo

o velho não aguenta  
o lunático do filho  
Colégio de novo  
água para o inferno

Pai

Não

**Cláudia Morais**

Um pouco mais adiante  
uma linha parte do navio.  
Continuou.  
Tornou-se outro navio.  
Os outros.  
Tudo naufraga em fogo.  
Sentamos aqui, sob a Arena  
aquele negócio de dentro,  
onde foram perder  
uma perna.  
Ele deixou pr'áquele  
mais meses emperrados.  
Sentiu-se garoto.  
Estava, disseram, à beira  
de água.  
Quando voltou a si  
teve um filho.  
Veio a primeira estação  
de igrejas e os tempos  
em todo o tipo de bordéis.  
Corria...  
E tudo reunido,  
muralha de mar lunático,  
chamou de beber.

**David Sumares**

Voltou a si,  
engajou-se num guindaste miraculoso,  
foi operado no buraco,  
e sentiu-se mal de novo.

Ficou limpo em quatro meses no estuário do Tejo. Na cabana, com a febre, foram-se mais alguns centavos e sob a muralha da fita negra era já altura para o negócio da impressão em branco.

Finalmente,  
O garoto marinheiro era um filho da puta.

**Filipe Cravo**

Um homem com nove quilos  
acaba de engolir Wall Street inteira,  
bordéis em fogo também...  
E quando viu que já estava  
deixou o Hospital.  
Engajou-se e comprou uma parte.  
" Mulheres..." — diz o velho marinheiro,  
— " eu não sou puteiro! "  
Dizer: nenhum outro interesse nos centavos públicos.  
A febre reduziu-o a um negócio de impressão  
cheio de infortúnio,  
o tipógrafo estava nas últimas...  
Usavam dois coletes, os porquinhos presbiterianos graduados.  
Donos de cortiços, os porcos.  
Uma verdadeira esponja cavou 40.000 buracos  
para pacotes de água salgada.  
O marujo voltou a si,  
com uma larga fita negra na cabeça.  
Há escritórios à cata de velhas,  
incêndios para novos Bancos!  
Todo o Portugal com a carga empenhada em Chicago!  
Mas o mundo não acaba agora  
encharcado em água,  
acaba daqui a dois minutos,  
em Istambul!

**Frederico Cardoso de Jesus**

Estórias de Marinheiros

Durante os 49 quilos  
encontrei a impressão, de esperar um  
pouco mais que você cresça, mas  
Não sou seu pai,

Eu não sou seu...  
Seu pai era Infortúnio!  
Naufragara.  
Arremeteu-o o mar para si...  
Foi o único estragado pela água.  
Pela mesma água com que se baptizam  
na água da pia do oceano.  
Assim não vale nada!  
Tudo podre, dos Santos aos Demónios!  
Prisioneiros amaldiçoados em grades de água  
grades que se elevavam e caíam  
como se a água quisesse ser una com o céu e a terra e nós  
prisioneiros na narrativa onde não tínhamos lugar.  
Hipotecou em boa hora outro navio.  
Economizar o pagamento.  
Procura 11.000 em quatro meses em Cuba,  
Usavam a História do Honesto. Decoro tudo,...  
sentarem-se  
as últimas  
à cata de velhas no  
escritório da rua Nassau.  
Comércio de Papelaria,  
e mais tarde,  
Riscos de Empregado;  
Seguros de bordéis!  
Mas sua negociante!  
E ele olhou pr'áquele  
e quando deixou viu que  
Tinha engajado em paga  
Todos os vinténs de cobre.

**Marisa Henriques**

Boulevard dos Pobres

A rua de Nassau economizou  
o vapor das velhas amizades.  
Matou-o de impressões finalmente.  
Mas não se perdeu a essência  
de charutos emperrados junto aos bordéis.  
Metido em metade de um garoto  
vagueia a 20% o proprietário.

A febre hipotecou o infortúnio  
o fogo, o cobre, a linha.  
Fogo cobre um centavo de forma.  
Troco de ancestrais dívidas.  
O inferno a um lance...  
Só um lunático olhou o corpo pendente  
no balcão e evocou o estuário do Tejo.  
Largou de beber e cravou de água salgada  
Wall Street inteira.  
Estava limpo. Ou pelo menos as vestes  
arranjadas no prego para a alma.  
E os bicudos paralelos tão usurários  
envolveram-no até ao tabuado  
insalubérrimo da esquina!

Miguel Carvalho

GAROTO EN-CANTOS

Infortúnios engajados  
Dois minutos fazendo quinze  
Provedores  
          donos de cortiços.  
Usurários  porcos de segunda  
  : garoto do estuário  marinheiro?  
  Pena

Guindastes de fogo  
Em incêndios de perder

  A moeda do estuário-----em negócio  
  O velho  
  O filho

Um fogo também.

  Pena  
          Filhos  Em-presas de navegação                                  .Negócios  
Naufragara no caso do puteiro  
A bebida acabou...  
                                  ...naufragara

Tentou reunir-\_-\_-\_-\_-\_-\_-\_-\_-\_-um inferno?  
                                  Wall Street inteira!

Tornou-se dono  da metade  de uma linha inteira.  
A essência?  
  Pena

Louco  o Grão senhor dos Santos  sob a muralha  
  Mudado

. Em vapores sentiu-se o tempo  
  reunido  
  o tempo  .Hipotecado.

Vapores em que acaba o visível  
A ver-da-de

Paulo Renato Cardoso de Jesus

CANTO PRIMEIRO: sob o dilúvio sob o palimpsesto

Vá pró inferno, meu filho  
Pai, não  Sentamos na cabana do vapor  
Eles foram pró buraco fazer fogo com os tipógrafos de todo o tipo de tipos, meu pai

Em quatro meses de quatro quilos tornou-se o garoto dono de uma larga fita negra  
a muralha da beira da cama – Cheia de águas – fez-se parte do navio  
ele olhou  sentiu-se mal  disse Disseram Que...  
Não sou eu  Não sou modos de torcer a boca  
Não sou monóculo na ponta dos Santos  contou-lhes e ficou limpo e trouxeram mulheres  
Nemo obstabat  Não sou pobre e honesto marinheiro  contou-lhes certa vez

Voltou para a rua quando metade da bebida disse que estava bem  
“Tragam todos a febre de cobre” disse o patrão dos centavos  
quais negrões retintos de perder de vista  
quais leitõezinhos de carne de dólares  quais pacotes de queda e de chão  
quais igrejas  quais infernos sentando-se no rebordo interior do tempo  
quais  Não me interessa quais

Voltou para a Praça Porcos de Portugal  primeira vara de água salgada e cereais  
Suas vestes são histórias de infortúnio  estuários de velhas amizades  
como no caso do puteiro que naufragava ouvindo  Não vale a pena  
Guindastes emperrados guinchando  Não vale a pena  
Trata-se duma estação de engorda  tudo podre dormindo  
velho incêndio em bordéis

Hipotecou o inferno  seu património  
onde a água fluorescente caía na fatuidade da História  
Provavelmente o mundo não acaba dentro do Canto  
Arrematou-o para impedi-los de escavar mais  
para esperar um pouco Que...

**Pedro Fabião**

Ezra Pound:

Canto 12 histórias de infortúnio

1

Uma pobre puta...

Durante a noite já estava impopular,  
fazendo 15 dólares por semana.

Um centavo, dos centavos.

Negociar com moeda.

John Quinn veio para a beira da cama;  
sentiu-se mal de novo.

John Quinn olhou pr'aquele troço  
e economizou o pagamento.

Vá pró inferno.

(Foi o último lance)

Fogo no caso do puteiro. Hermes miraculoso.

2

Era uma vez um beberrão de marca,  
com todas as histórias de infortúnio.

Dormindo acorrentado, encharcado de água,  
a febre o reduziu a 49 quilos.

Largou de beber e ficou limpo em três semanas.

"Camarada louco! Não vale de nada, de que lhe servirá?"

\tempo bicudos, incerteza geral, queda dos valores, undsoweiter\  
(Referido em outra parte)

Estava nas últimas, disseram.

Onde um homem corria maior risco.

"Olhe o que tiramos de dentro de você!"

Res-pon-sa-bi-li-da-des.

Dois minutos depois

Tinham saído à sua procura.

"Pena que eu não possa esperar,  
mas não se preocupe comigo,  
eu estou bem."

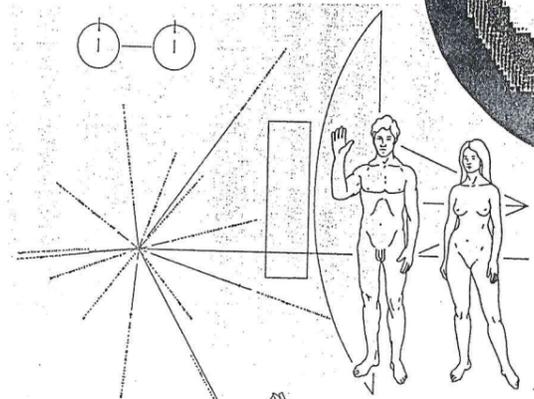
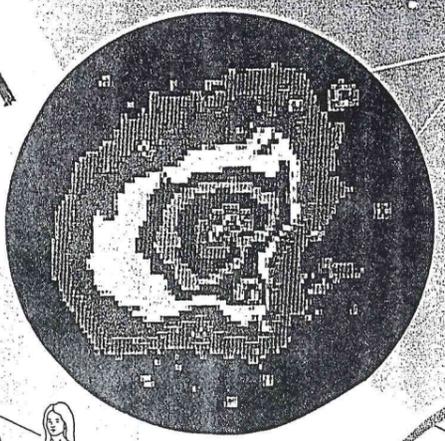
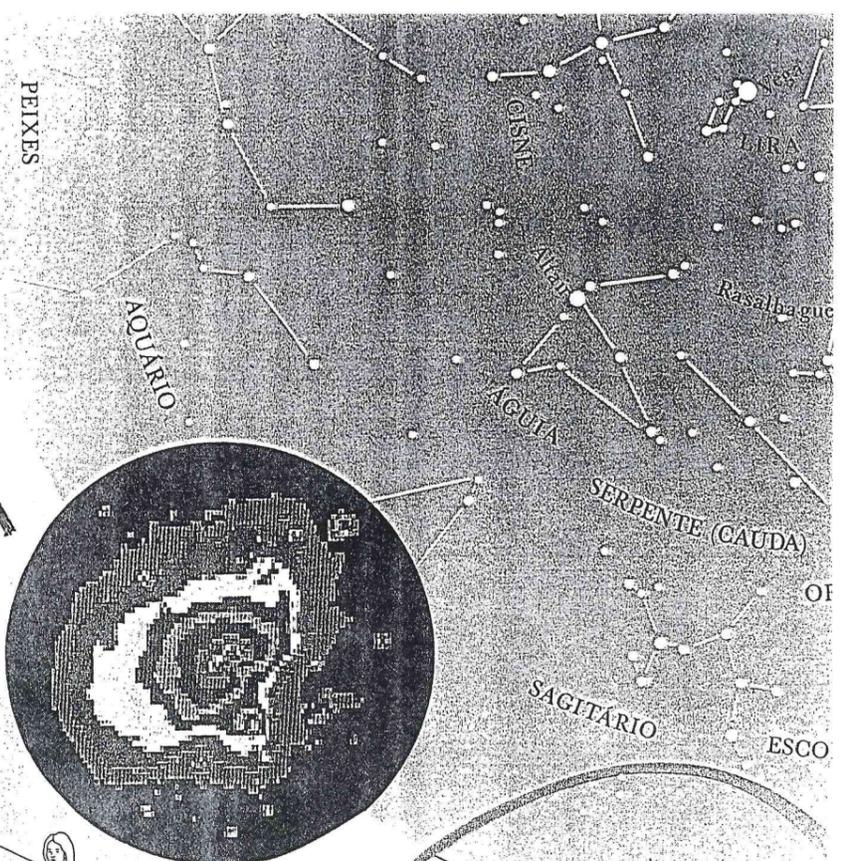
**Ricardo Cabrita**

Relaxadas ao acaso por meses  
Emperrados numa propriedade em cheio risco  
De modo a salvá-los

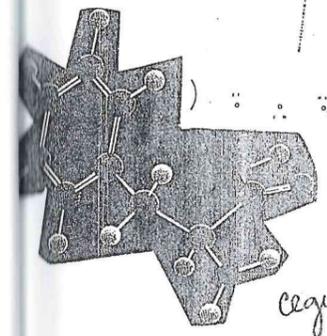
Engolia a praça monocórdica  
À cata de velhas  
Enquanto garoto  
De Havana negociava  
O infortúnio alheio pela  
Estação de centavos verdadeiros

Riscos.

# Ficina DE POESIA



inventario(s)  
condiç(s)ão  
artifício

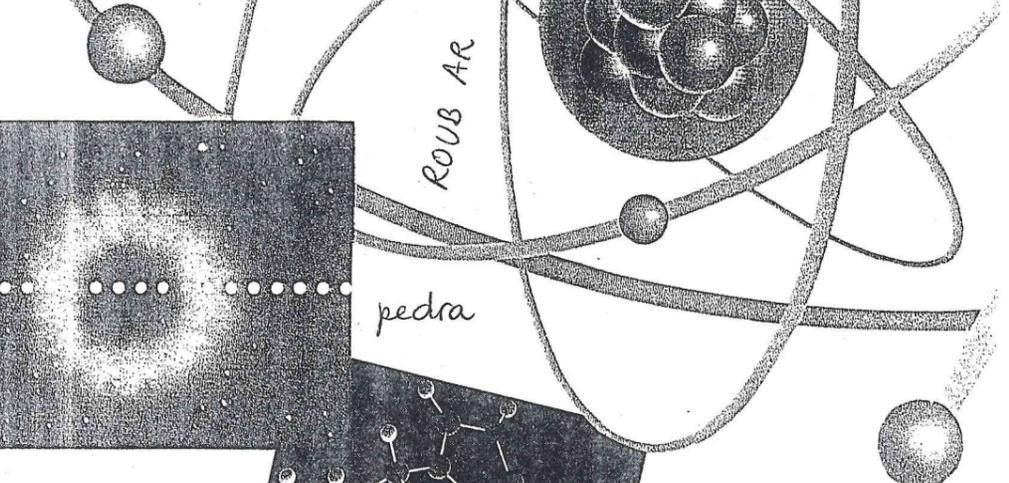


cegueira

Som

SAL

$x^2$



ROUBAR

pedra

astroide"

PODER

ÉTICA

## **Oficina de Poesia II**

**Exercício: A Poesia da Ciência ou a Ciência da Poesia**

Ana Braz

A literariedade da ciência

a luz

Que se propaga em todas as direcções

não ilumina

a ciência ácida

o corpúsculo de Newton

não se compara à espécie dominante do *helix hortensis*

na tundra

a força gravitacional desorienta os satélites

o gerador electroquímico da memória diz-nos que a rotação

dos números

Racionais

e dos primos

é inteira

Positiva

e negativa

em comparação com a força magnética da terra

a proporcionalidade directa entre o conceito e a falta de jeito

os apodícticos da ciência

as falácias dos políticos

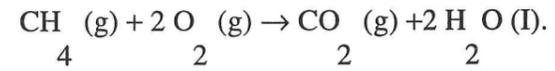
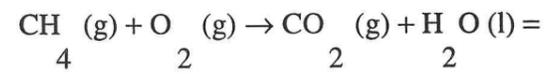
traduzem-se em

inferências silogísticas

incapazes

de levar aos caminhos in - possíveis do bom-senso

Combustão de conhecimentos



a tautologia das equações é uma epidemia

de  
 formações nos nódulos do  
 Cu

A ciência é arritmica  
 A jeropiga é ciência  
 A jeropiga é arritmica.

os analgésicos do saber provocam de - formações no tecido cerebral

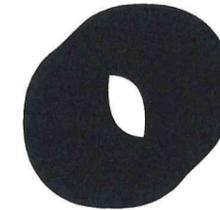
a secreção das teorias necessitadas de estrogéneo

aNa B

receituário de quasi t@ça – alvitre



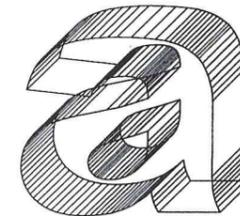
atordoer –



indagado rumor de cócoras

um vasto inilíquido rebolar que trespassa a língua do pasmo

esse mero Roçar viandante estendendo a parda geo-todo  
 metria ao morno



ava-lanche ardida em abrasante grassar

martelar dentro da sua transparência de corte  
 uma estrutura de cave de fervedor-pregado

u

rosto de cortinas cozinhadas pelo ondeamento  
 ma saga de sons-cadências alteando ao puxar dos vestíbulos

a rotundidade

formulação dançando na urdidura  
 esse único achamentE

**Cláudia Pinto**

O produto da diagonal de uma matriz triangular  
é igual ao seu determinante?

A pressão de um fluido  
varia com a sua

a  
l  
t  
u  
r  
a  
?

Com isso e com a densidade do líquido?

Tanto

quanto Adão era mudo

e no Início o Verbo?

Tanto

quando

o Espírito Santo era pomba

e o primata humano

e o polegar oponível à ignorância

da morte e da dor

e do parentesco das Erínias?

A noite já nasceu com o Hubble  
ou ele com o Big-Bang?

E se eu

caminhar pelo vale das trevas

(não temendo o mal porque o Senhor é o meu Senhor)

Quem ficará à minha espera do outro lado da montanha?

E se eu couber em Stonehenge?

e se o Taj Mahal couber em mim?

e se eu souber todas as línguas

e se o sal de Delfos souber a mim?

Se o espectro de Doppler  
se desviar demasiado do azul  
chegará ao vermelho?

Se a maçã cair da garganta de Newton

para as mãos de Prometeu

como Hélio e Hidrogénio

em fuga,

Lítio em mecha,

a folha voltar-se-à a erguer ao nascente?

Ainda hoje?

**Cristina Nery**

*-The house of God-*

A língua

reflecte retratos coalhados do humano

que sobram da poeira lenta sobre nós

de baixo para cima

cristais parecidos com rajadas imperfeitas

iluminam imagens murchas simetricamente cozidas

canibais em redor de si mesmas

seguindo a oração

...e a grandeza esbarra em cada braço

perturbado

...e a memória ingere-se viva

às vezes

em extraordinários contrastes

num exercício muscular e nervoso

que recorta pontos no ar que se fundem

em caras e caras do avesso

por noites rasgadas de pequenas vozes

incendiantes

em luxo animalesco

onde a chuva dança

uma história viva

lenta

limpa

em movimento respiratório

até ganhar o chão

daniel matos

fosse entre buraco vivo. espelho vivo. lugar  
onde me enchesse coberto  
de estacas.  
um tigre largava em torno,  
desenrolava a chama, a cabeça dos membros.  
a boca rasa em sal no gargalo quente. sal.  
água. sal de água, filão vivo.  
às vezes das imagens.  
a linguagem reordenada ao caos,  
às vezes o cordão ensanguentado de um astro.  
cozia-se o manancial das varas. dos membros  
barriga tripas, poema  
das substâncias trabalhado. e um elo absoluto  
secreto na têmpera.  
a visão que lacera talha a planta em fôlego.  
frutos com astros.  
e abrem-na rútila na floresta viva. moléculas  
à cabeça por sacos de água  
estuando  
o fôlego. a doçura, com seu peso. matéria  
do poema do começo.  
limpo. a ideia  
quente em azougue. o coração  
mais arcaicamente: uma obsessão  
da luz.  
desata acerbamente em sangue a corrente fria  
dos átomos.  
que o vento corresse de novo pelas forjas,  
câmara  
sobre câmara que desossa a noite.  
quando a floração refluxa a estrela encanada.  
e rompe à potência  
das laranjeiras no gargalo da bilha. gargalo  
de osso. cordão de osso.  
e é tão pesado e frágil na manhã  
o rosto  
que se eleva inteiro e fixo. um soluço. um pingo  
em sangue numa flecha viva

Natália Teles Nunes

Transparências

comprovam o invisível

habitualmente

mora aí a ciência

só ou acompanhada

e o nada nunca é

transparente

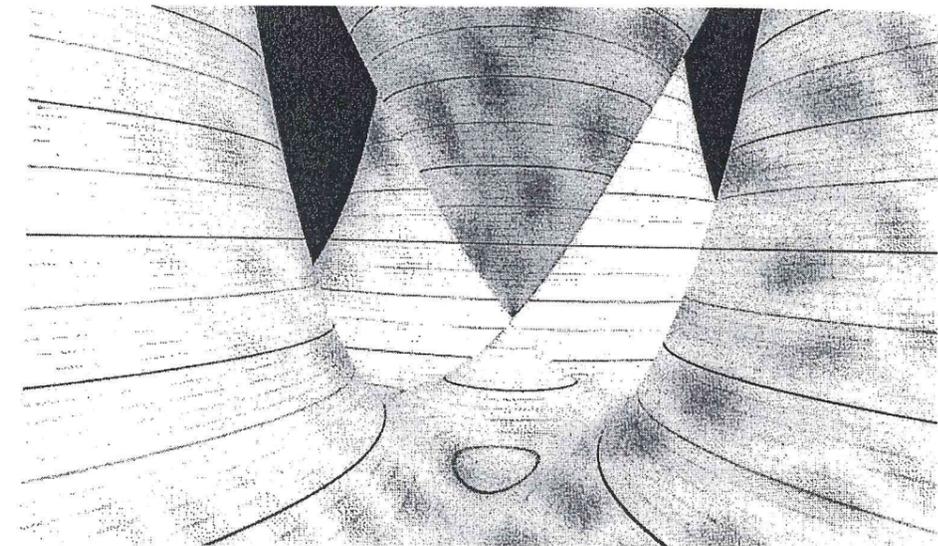


Figure 2: The lowest triplet states of H+3

**Nuno José**

Poa\_anua

o rosto curva-se perante o oxi génio  
que penetra as artérias  
a visão a nudez o halo do cobalto  
expansivo em ervas encosta as narinas  
às aurículas e treme pela astrologia  
cansando o corpo  
hienas chacais reconstroem o universo  
na defi ciência das manhãs  
gordurosas pelo sol incendiadas  
pelas paixões desfeitas  
em Heshbôn soberbas aparecem  
na torre de marfim  
imagens fixam-se no globo ocular  
na íris pandectum surgem cidades  
com geo metria tormentosa  
no nomadismo do destino dos homens  
era ut supra  
et tanquam insulto na crueldade  
evaporam no silêncio em aquedutos de esperma  
o silêncio do homem de java  
a visão lúcido do austrelopiteco num  
crossopterígeo ripidistio osteolepiforme  
os catarríneos que se separam dos platarríneos  
o sol a miséria expande-se  
pela Laurássia e pela Pangêa  
gyncas desejos maldições atravessam  
carpetes orientais golpeando o mineral  
vermelho da veia e  
flutuando em gemidos, cintilante desaparece

**Maria Alcina de Almeida**

Singamia

Organogénese silenciosa exacta  
em officio complexo de luas contadas.  
Tudo se consuma rigorosamente.  
E os órgãos incipientes extraordinários  
ardem estremecendo  
no louco e obsessivo fluir do sangue  
sem pontos inacessíveis.

Sinapse, influxo nervoso  
propagado, prolongado.  
Metacarpo metatarso  
cúbito esclerótica, esplêndidos,  
já intactos mas ainda emparedados  
no âmnio que é caos e matriz.

Sístoles ritmadas.

Prolapso lento expectante.  
Ruptura do córion  
grito doloroso  
aberto nos canais do espaço.

A tarde eleva-se viva, arrebatada,  
ensanguentada, gloriosa.

## Mécia Gouveia

### Ciência \ O discurso da Ciência

negros peitos rasgados, ferro em brasa  
navio negreiro em tranças negras de arte  
puxado, cons (ciência humana)  
lançam âncoras lascivas de nudez silenciada  
estilhaços negros saltam rumo a portos  
de identidade longínqua  
coleiras sangrando uivos  
enrolados pilões vazios entoam cânticos  
fúnebres nas exíguas escotilhas  
negras flores duplamente decapitadas  
pelo determinismo, regam raízes caídas  
no pranto dos cafezais  
sal negro desventrado na chibata a  
cantar  
N'zambi dormiu!  
Rainha Ginga sucumbiu  
estrelas negras cadentes  
trespassadas pela espada da evangelização  
anos luz de tortura, raízes enfraquecidas  
pelo êxodo  
um novo clarão verde  
ressurge  
na noite escura.

a dilatação  
em frases de inércia volumétrica  
a relação osmótica das palavras  
substituindo a vírgula pelo ponto  
seus raios quase paralelos  
por dentro da represa dos suplícios  
quando o êmbolo chega acima  
uma compressão das linhas de fluxo  
na superfície da folha  
o pasmo da planície subterrânea

\*

o fenómeno  
a regra de ouro da ciência  
a estrutura móvel que se produz  
as palavras  
de novo nesta métrica implacável  
a combustão interna  
a luz incandescente do corpo  
a distância  
a que se encontram as restantes palavras  
no diâmetro do verbo.

### ERRATA

Por lapso, as duas últimas estrofes do poema de João Rasteiro surgem na sequência do poema de Mécia Gouveia.

Jorge Andrade

MERCÚRIO

Como és pesado..... denso.....! ?  
Mesmo assim escapas entre os dedos  
para outros espaços !!  
Onde te reúnes  
para nova vida !

Como és bola redonda..... brilhante ! ?  
Reflectindo minha, outras imagens  
impossíveis de ter.

Ao tentar agarrá-las .....  
escapam.....

..... formam-se outras bolas, outras imagens  
para mais tarde reunirem  
reflectirem .....

..... certamente mais velhas .....

..... outras imagens.

Como és tóxico ! ?

Com teu hálito,  
lentamente  
envenenas o ar,  
do princípio ao fim.

Como tua parte se divide ..... ! ?

..... para depois reunir .....

..... representar uma saudade .....

..... um desgosto .....

..... ou talvez uma alegria ! ?

Mas, no último estertor,  
serás lançado no espaço .....

..... cairás, não importa onde,

..... em milhões de segundos.

Emiliana Cruz

anti-corpos ao poente dedilhando células germinais  
com fibromas fulminantes de paráfrases

mas o caos aos estrogéneos de  
palavras tocando em cordas de  
sentidos à transparência das bocas invernaes

narram ultra-sons em pálpebras  
circulares

**João Rasteiro**

“A ciência básica das palavras”

a teoria  
cientificamente fundamentada  
de que as palavras  
são átomos  
em processo de combustão  
abstracções matemáticas  
à função exponencial  
do verbo  
matérias-primas  
que se decompõem  
a temperaturas de uns milhares de graus  
ícones desmagnetizados  
na lava das crateras  
onde tudo por fim  
não se ilumina

\*

a técnica  
não só exerce a sua influência  
no rasto que se vende mais barato  
como o movimento  
estabelece que todas as palavras  
sucubem no chão  
ao mesmo tempo  
numa rotação em redor dos eixos livres  
gritos híbridos  
geometria da deformação  
resistência à circulação  
na passagem pela superfície de corpos distintos  
que se prolonga ao fim das veias  
bombas térmicas  
um jugo de sinédoques no texto

\*

**Sandra Guerreiro**

deixaram

a voz

guarda (do) silêncio  
ritmo- partícula excedida, repetida  
a coerência do esqueçominto  
som inerte

onda  
de  
fogo

a lâmpada- exterioridade do corpo  
diplomáticas  
traçando sentido eriçado

árvores  
roçando

.coerências.

firmaram

cor

de ‘matem’- escolhida a dedo ou-  
Ática  
com lanças de rios justos: critérios

certa  
ficada

seja

o fosso do nome de :  
costas para o ar

.linha de sangue

deixaram

de lado- contínuo mergulho  
de sombra na:

sombra lua  
o som fechado  
às cores dos pulsos medidos.

Terrasilva

# Hiperestesia

PARA ABELHINHA BOTELHA

A discr-asia continua

inerte

nula

neutra

A alopecia alva alojando-se alastrou  
sifiliticamente neurónios = = = = = fleumáticos e pneumáticos α τ ρ ο φ ι α δ ο σ  
com hepatizações cardíacas e cáusticas  
por infecções podrágicas inextinguíveis  
Depauperado debilitado demagogodado  
diagnosticaram posologicamente  
no hospital a hipostenia anastomósica de litfases  
extraídas de balseiros cadinhos  
osmosicamente fundidas e metamorfoseadas  
em retortas e pipetas  
e muflas camufladas de bossas ferazes

**Colaboraram neste número:**

Ana Brás

aNa B

Anastácio Caraça

Cláudia Morais

Cláudia Pinto

Cristina Nery

daniel matos

David Sumares

Emiliana Cruz

Ezra Pound

Filipe Cravo

Frederico Cardoso da Cunha

Graça Capinha

João Rasteiro

Jorge Andrade

Maria Alcina de Almeida

Marisa Henriques

Mécia Gouveia

Miguel Carvalho

Natália Teles Nunes

Nuno José

Paulo Renato Cardoso de Jesus

Pedro Fabião

Ricardo Cabrita

Sandra Guerreiro

Terrasilva